

# Revista Adventista

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

## “Que é isto? Que nova doutrina é esta?”

(S. Marcos 1:27)

**Credo Apostólico** (que nasceu nos primeiros séculos da nossa Era).

«Creio em Deus, Pai onipotente, Criador do céu e da terra; em Jesus Cristo, Seu Único filho, Senhor nosso que foi concebido pelo Espírito Santo, nascido da Virgem Maria: sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos: ressuscitou de entre os mortos ao terceiro dia: subiu aos céus; sentou-se à dextra de Deus Pai onipotente, donde virá para julgar os vivos e os mortos».

«Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Universal, na Comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna, Amen.»

**Credo Adventista** (extraído do «Manual da Igreja», impresso nos Estados Unidos da América, em 1932).

Os Adventistas do Sétimo Dia sustentam certas crenças fundamentais, cuja principal feição, juntamente com uma porção de referências das Escrituras sobre as quais se baseiam, podem ser resumidas como segue:

1 — Que as Santas Escrituras do Velho e Novo Testamento foram dadas por inspiração de Deus, contêm uma revelação inteiramente suficiente da Sua vontade em relação ao homem, e são a única regra infalível de fé e de moral. 2 Tim. 3:15-17.

2 — Que a Divindade, ou Trindade, consiste do Pai Eterno, um Ser pessoal e espiritual, onipotente, omnipresente, omnisciente, infinito em sabedoria e amor; o Senhor Jesus Cristo, Seu filho, por meio de quem todas as coisas foram criadas e por intermédio de quem a salvação das hostes redimidas será completada; o Espírito Santo, a terceira pessoa da Divindade, o grande poder regenerador na obra da redenção. Mat. 28:19.

3 — Que Jesus Cristo é verdadeiramente Deus, sendo da mesma natureza e essência que o Pai Eterno. Conquanto conservando a Sua natureza divina, tomou sobre si mesmo a natureza da família humana, viveu na terra como um homem, exemplificou na sua vida como nosso exemplo os princípios de rectidão, atestou a Sua

relação para com Deus por muitos e poderosos milagres, morreu na cruz pelos nossos pecados, foi ressuscitado dos mortos e subiu para o Pai, onde vive para sempre para fazer intercessão por nós. João 1:1,14; Heb. 2:9-18; 8:1,2; 4:14-16; 7:25.

.....  
 20 — Que a segunda vinda de Cristo é a grande esperança da Igreja, o grande climax do evangelho e do plano de salvação. A Sua vinda será literal, pessoal e visível. Muitos acontecimentos importantes serão associados com a Sua volta, tais como a ressurreição dos mortos, a destruição dos ímpios, a purificação da terra, a recompensa dos justos, o estabelecimento do Seu Reino eterno. O cumprimento quasi completo de vários ramos da profecia, particularmente os encontrados nos livros de Daniel e Apocalipse, com as condições existentes no mundo físico, social, industrial, político e religioso, indica que a vinda de Cristo «está próxima, às portas». O tempo exacto deste acontecimento não foi predito. Os crentes são exortados a estar preparados, porque «à hora em que não penseis, o filho do homem» será revelado. Luc. 21:25-27; 17:26-30; João 14:1-3; Act. 1:9-11; Apoc. 1:7; Heb. 9:28; Tiago 5:1-8; Joel 3:9-16; 2 Tim. 3:1-5; Dan. 7:27; Mat. 24:36,44.

# Como fortificar a fé?

Fazem-nos a pergunta: «Como fortificar a fé? «Esta pergunta supõe a fé já existente e não temos por consequência que nos preocupar com a outra questão: «Como fazer nascer a fé? «Direi simplesmente de passagem que não somos nós que fazemos nascer a fé. O mais que podemos fazer, é transportar e transmitir o germen. Podemos também estabelecer condições que favoreçam a eclosão deste germen. Mas é Deus que faz nascer a fé.

O apóstolo Paulo declara que nem todos têm fé (II Tess. 3:2). A fé é pois nesta terra uma planta exótica. Foi preciso um milagre para fazê-la nascer e é preciso outro para conservá-la. A nossa tarefa consiste simplesmente em assegurar-lhe um clima e um terreno favoráveis.

Jesus apresentou uma pergunta concernente aos dias em que vivemos: «Quando vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?» (Luc. 18:8). Esta pergunta deixa-nos entender que a incredulidade será geral e é isso com efeito o que nós constatamos hoje. A fé é pois uma planta ameaçada por numerosos inimigos e é preciso que a protejamos.

Respondamos agora à pergunta: «Como fortificar a fé?» Se consideramos a fé como uma planta, diremos que é preciso cultivar o terreno da alma, e encontramos esta imagem em diversas passagens das Escrituras.

Uma das primeiras condições a conseguir para o desenvolvimento da fé, é preparar um campo novo. É preciso desembaraçar o terreno de tudo o que o ocupa. Seria um erro pretender lançar a semente no terreno do coração natural onde se agitam tôda a espécie de paixões, no mesmo momento em que o espírito está preocupado por tôda a sorte de aspirações e de desejos. É preciso pois começar por arrancar os espinhos e as más ervas, quaisquer que elas sejam.

Haveria muitas coisas a mencionar. Citemos as superstições que prejudicam a fé. No mundo, confundem-se freqüentemente as duas coisas, mas a superstição é a inimiga da fé. É uma fé fundada sobre ilusões humanas e preconceitos. O que caracteriza a fé, é que ela é fundada sobre a Palavra de Deus. Tudo o que não repouse sobre este fundamento, não merece o nome de fé. Há também as dúvidas, e a dúvida é o maior

inimigo da vida espiritual. A juventude é particularmente exposta às dúvidas, que destroem o entusiasmo e a confiança, por causa das influências que se exercem do exterior. É preciso também desembaraçar o terreno de todos os erros. Jesus declarou: «Santificai-os na verdade, a tua palavra é a verdade». Para fortificar a fé, é preciso pois afastar o erro.

A segunda coisa a fazer é nutrir a planta, porque as plantas como os animais, não podem passar muito tempo sem nutrir-se. A planta da nossa fé deve ser conservada por uma alimentação regular e sã. Ora, Deus proveu a esta necessidade, da mesma maneira que, na natureza, proveu às necessidades das plantas e dos animais. Ninguém pode desculpar-se. A alimentação espiritual que conserva a fé é a palavra de Deus. Por consequência, ler, meditar, estudar a Palavra de Deus é nutrir se espiritualmente. Jesus disse: «Eu sou o pão da vida», mas este pão é nos oferece na Sua Palavra. Não podemos pois atingir um crescimento normal, se negligenciamos a Palavra de Deus. Não devemos nutrir-nos unicamente por gosto, mas regularmente e por princípio.

As plantas não têm só necessidade dos alimentos que extraem do solo, mas procuram igualmente na atmosfera, certos elementos de que necessitam. As plantas respiram como o homem, e a planta da nossa fé, tem também necessidade de respirar. A respiração desta planta é a oração. Há momentos em que é natural orarmos; há outros em que para isso é necessário um esforço especial. É exactamente quando nos falta o desejo de orar, que estamos expostos ao perigo. Por consequência deveríamos redobrar de vigilância e actividade na oração.

Ajuto ainda a freqüência às reuniões, pois não devemos negligenciar nenhum meio de graça. A fé tem necessidade da vida social para fortificar-se. Nenhuma experiência espiritual é completa e perfeita em si mesma e Deus distribuiu aos membros da Sua Igreja dons diversos. Ora, para uma vida normal, é preciso que haja mudança. Aquilo que eu não possuo, deu Deus a um irmão ou irmã na Igreja e eu não posso aproveitá-lo senão sob condição de me aproximar deles. É pela comunhão espiritual com os

(Conclui na página 00)

# CREMOS EM DEUS

que consiste no Pai Eterno, Ser pessoal, espiritual, onnipotente, omnipresente, omnisciente, infinito em sabedoria e amor, etc.

*Manual da Igreja, pág. 180.*

Não há casas sem alicerces nem Religião sem Deus. A vida humana, se fôr consequente a princípios, lógica nas deduções, tem de seguir caminhos opostos, segundo aceite ou não a Sua existência.

Existe Deus? Há, então, toda a possibilidade de Se comunicar, de Se revelar; a conduta humana deve orientar-se por Léis; haverá eternidade; o mérito será recompensado e o desmérito punido; o culto interno será uma necessidade e o externo um dever, donde a importância da Igreja. E depois seguem-se os pormenores que servem de corolários a êstes princípios.

Deus não existe? Logo não se revela; todas as religiões são, quando muito, simples sistemas filosóficos estabelecidos sobre uma hipótese; a vida é o dia de hoje; comamos e bebamos que amanhã morreremos e, para tal propósito, todos os sistemas são bons desde que a polícia não tenha de intervir; nós passamos à qualidade de simples bípedes.

A necessidade de ter certezas sobre este princípio básico da Religião é imperiosa. Constituiu a preocupação de todos os condutores religiosos não-bíblicos e, sobretudo, bíblicos. Obter certezas sobre a Personalidade Divina, sobre os Seus atributos, as manifestações da Sua vontade, foi a primeira tarefa dos ilustres iniciados antes do cumprimento das suas missões. Pois não temos lido na Bíblia as visões de Moisés, de Isaías, de Jeremias, de S. João, etc., etc.? Não esqueçamos a preocupação de Moisés em saber o máximo de Deus que condescendeu em manifestar toda a Sua benignidade!

Todos os grandes intellectos dentro da Religião e nos diversos campos da Ciência têm trabalhado nesta demonstração para a tornar o mais evidente possível. Não há grandes cerebrações humanas que não tenham escrito ou pensado profundamente neste problema. Quasi todos têm apresentado ponderadas objecções às demonstrações anteriores e procurado remediar as suas falhas. Demonstrar, como todos sabem, consiste em pôr qualquer objecto ou qualquer idéia de harmonia com os princípios fundamentais da Razão. Nem tudo se demonstra

directamente, colocando os objectos sob a acção dos sentidos. Seria a maior evidência. Em geral demonstra-se recorrendo ao raciocínio, a essa maravilhosa muleta do espirito.

Deve parecer, à primeira vista e sobretudo a quem pouco tenha meditado no assunto, que tal demonstração deve ser fácil pelo facto de tanta gente ter nela trabalhado. Como as aparências nos enganam! Muitos milhões de religiosos existem, entre quais alguns milhões rezam devotamente mas não porque possuam certezas; no seu espirito há simples desconfianças, vagas hipóteses e jogam pelo seguro: pode ser que exista esse Ser que se chama Deus e, consequentemente, vamos lá rezando. E dos que falam em nome de Deus não os haverá nas mesmas condições? De resto, baste lembrar que ninguém, no nosso planeta, põe em dúvida que  $2 + 2 = 4$ , mas não faltam os ateus sinceros que só não crêem porque nunca lhe apresentaram razões plausíveis. A demonstração é difícil e não esclarece todas as dúvidas.

O processo milenário, bíblico e não-bíblico, tem sido partir do visível, do palpável, do concreto, para chegar ao Ser invisível, Aquêle «que ninguém jámais viu». Todos os pensadores, até os próprios escritores bíblicos divinamente inspirados, bafejados pela sorte de revelações sobrenaturais, partiram dos fenómenos vulgares e applicaram-lhes os princípios fundamentais da Razão para concluir em Deus. Haverá alguém que não conheça por exemplo as seguintes expressões:

«Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos» Salmos 19:1.

«Levantai ao alto os vossos olhos e vede quem criou todas estas coisas». (Isaías 40:26).

«Olhai para as aves dos céus... olhai para os lírios dos campos» disse Jesus (S. Mateus 6:26 e 28).

«O vosso Pai que está nos céus faz que o Seu sol se levante sobre máus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos» disse Jesus (S. Mateus 5:45).

«As Suas coisas invisíveis, desde a

criação do mundo, tanto o Seu eterno poder como a Sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas para que elles fiquem inexcusáveis» (S. Paulo em Romanos 1:20.)

Desta maneira alcançamos a existência de Deus «como que tacteando». Mas que quantidade de estudo metucioso tal demonstração não implica! Desde as inúmeras estrêlas imensas ao electrão, desde o infinitamente grande ao infinitamente pequeno, tudo tem de ser pesado com escrúpulo pelo religioso e para tais coisas quem há idóneo bastante? Alguns representantes dos variados sistemas religiosos lançam por vezes sôbre os cientistas a bília do seu despeito; mas a verdade nua e crúa é que tẽem sido os cientistas quem mais tem trabalhado nêste importante e fundamental capítulo da Religião. Que o digam as últimas descobertas sôbre a constituição da matéria, a teoria electrónica que deu golpe mortal no materialismo. A eternidade do movimento já há bastantes anos tinha sido aniquilada pelos trabalhos dos fisicos que nos deram os princípios fundamentais da termo-dinâmica. A não-eternidade da vida deve-se aos biólogos. E a demonstração da existência de Deus tem de se apoiar em factos e não em palavriado.

Sôbre fenómenos naturais se apoiaram os escritores bíblicos. Porquê? Porque quanto não tenha em si existência eterna, não tenha em si razão suficiente da sua existência (e diga-se de passagem que, demonstrada a não-eternidade da matéria, nada mais existe sob os nossos sentidos que possua razão da existência) exige uma Causa; a Causa Primeira, a Causa das causas secundárias é outro nome de Deus. Que os efeitos necessitam de Causa é o que ninguém põe em dúvida: os sapatos exigem um sapateiro.

Resolvido êste grave problema da existência de Deus outro não menos importante se levanta: saber o que Êle é, estudar a Sua personalidade. É problema ainda mais difícil. Precisamos então da máxima prudência. A melhor maneira será ainda partir do conhecido para o desconhecido, da obra para o Artista. É muito imperfeito tal método mas é o único de que dispomos na vida presente. Ainda ninguém foi capaz de descobrir outro e foi o método seguido pelos escritores bíblicos, divinamente inspirados. Isaías, por exemplo, quiz demonstrar aos seus contemporâneos que Deus não se pode cansar; pois bem, recorreu às manifestações contínuas de fôrça e de actividade nos astros (Isaías 40); porque o que existe no efeito

tem de existir, pelo menos no mesmo gráu, na Causa. S. Paulo quiz demonstrar aos atenienses que Deus não podia estar contido dentro dos templos de pedra; aponta para os fenómenos naturais, para a constituição do mundo, para a sua manutenção, para a origem da vida, para a geração, para a respiração; sabe e todos nós com êle que as características da obra podem indicar as qualidades do operário, se não tôdas pelo menos as principais. Outro exemplo: Cristo quiz demonstrar a bondade de Deus; recorreu aos fenómenos naturais da chuva e do sol que exercem as suas actividades nos campos dos bons e dos maus. Foi desta forma que os religiosos chegaram ao conhecimento dos mais importantes e amáveis atributos de Deus: A existência como essência, Potência, Ciência, Bondade, Imutabilidade, Unidade, etc.. Claro está que nunca o bicho homem chegará a determinar, mesmo ao de-leve, tôdas as qualidades divinas. E que ninguém fique triste ou desnortado por isso! Dizem que só no domínio das matemáticas é possível a certeza absoluta.

Para suprir esta tão lamentável deficiência precisamos da Revelação. Se Deus existe poderá manifestar-nos o que quizer, quando quizer e como quizer. As revelações sobrenaturais abundam e a única preocupação que poderemos ter será destrinçar entre elas para alcançar a Revelação. Para êste trabalho ainda é valioso o conhecimento dos atributos divinos obtidos por intermédio da Razão. Nenhuma revelação divina poderá contradizer uma verdade prè-estabelecida porque Deus é imutavelmente verdadeiro. Mas quando chegamos a determinar com consciência a Revelação, cessam as preocupações, entramos no pôrto de abrigo, depois de longa e tormentosa viagem. Será verdade tudo quanto nela Deus nos indica até sôbre a Sua Personalidade. A Revelação de Deus é, sem sombra de favor, a Bíblia; quem puzer em dúvida esta afirmação nega a Revelação, por tal forma a Bíblia ultrapassa tudo quanto de mais elevado exista nas múltiplas revelações sobrenaturais.

Continuem todos os pensadores a trabalhar nêste inexgotável tema porque lá disse o Mestre:

«Pai... a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a quem enviaste» (S. João 17:3).

«Que Te conheçam»!... Eis o alvo da vida religiosa.

# A Divindade de Jesus Cristo

«Cremos em Jesus Cristo, Filho do Pai Eterno, através de Quem a salvação dos Redimidos se operará. Jesus é Deus, da mesma natureza e essência do Pai Eterno.»

*Manual da Igreja*, pág. 180.

Na época em que Jesus esteve na terra, — como nos ensina Mat. 16:13 17, assim como outras passagens — havia uma grande divergência de opiniões a seu respeito. Entre os principais dos Judeus, alguns declaravam-no possesso do demónio, e tratavam-no como impostor. O povo, em contrapartida, considerava-o em geral como um justo. Uns pensavam que era João Baptista ressuscitado dos mortos; outros identificavam-no com Elias, Jeremias ou qualquer outro grande profeta que houvera voltado à vida. Quanto a Pedro e a muitos outros como êle, estavam profundamente convencidos de que Jesus era o Messias prometido, o Filho de Deus vivo.

Desde esta época até aos nossos dias, os espíritos tem continuado a estar divididos. Multidões recusam a Cristo o título de Messias, e, mesmo entre aquêles que se dizem seus amigos, vários põem em dúvida a sua divindade e não vêem nêle senão o filho de José e de Maria.

Uma fé salutar em Jesus Cristo é muito mais que uma simples concordância com o facto de que Jesus existiu há dois mil anos. Nenhum homem inteligente e de cultura ordinária negará a existência de Jesus. Esta é atestada tanto pela história sagrada como pela história profana. Nenhum mortal, aliás, deixou traços mais profundos da sua passagem sôbre a terra. Encontramo-los hoje em todas as cidades e em todas as aldeias do mundo civilizado. Judeus, Mahometanos e Cristãos crêem na historicidade de Cristo. Mas esta adesão mental a um facto histórico não conduz à libertação do pecado e da morte eterna. Para obter a vida eterna por Jesus Cristo, é preciso crêr, como Pedro, que Êle é realmente o Filho de Deus vivo; é preciso crêr que Êle era divino ao mesmo tempo que humano. É preciso crer que temos um Salvador divino.

Ora, desta divindade, Deus no Seu amor e na Sua bondade, deu-nos provas abundantes e irrefutáveis.

E em primeiro lugar, recordemos os factos sobrenaturais que envolvem o nasci-

mento de Jesus. Segundo a lei natural, nenhuma conceição como nenhum nascimento pode ter lugar sem um pai e uma mãe. Ora Jesus não teve nenhum pai. Quando o anjo Gabriel anunciou à virgem Maria que ela seria mãe de Jesus, ela perguntou: «Como acontecerá isso, pois que não conheço varão?» O anjo respondeu-lhe: «Descerá sôbre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há-de nascer, será chamado Filho de Deus» (Luc. 1:34-35). Jesus foi concebido e nasceu em virtude da operação miraculosa do poder de Deus. Deus foi o Seu Pai tão verdadeiramente como Maria foi sua mãe. E da mesma maneira que todos os seres vivos herdaram a natureza dos seus pais, Jesus herdou a natureza divina de Seu Pai celestial, tanto quanto a natureza terrestre e humana de Sua mãe.

Para excluir tôda a incerteza e dúvida a respeito da paternidade de Jesus, fez o próprio Deus desde o Céu uma declaração a êste respeito, em presença da multidão imensa que assistia ao seu baptismo nas margens do Jordão. Enquanto Jesus, saído da água, orava sôbre o areal, «o céu abriu-se, e o Espírito Santo desceu sôbre Êle, sob uma forma corporal, como uma pomba; e veio do Céu uma voz que dizia: Tu és o meu filho bem-amado, em quem me comprazo!» (Luc. 3:21-22).

Uma das provas mais fortes e mais convincentes da divindade de Jesus Cristo é o facto da sua pré-existência e dos milagres por êle realizados durante muitos séculos que se sucederam antes do seu nascimento em Belém. Esta pré-existência é um facto claramente estabelecido pela Bíblia. Na sua epístola aos Coríntios, o apóstolo Paulo declara que os Filhos de Israel — no decorrer das suas peregrinações no deserto, a caminho da Terra prometida — eram «seguidos» (Crampon traduz: «acompanhados») pelo Cristo (I Cor. 10:1-5). Aos Judeus altercadores e disputadores, Jesus afirma solenemente: «Antes que Abraão fôsse, eu sou!» (João 8:58). Na Sua oração sacerdotal, an-

tes da Sua paixão, pronuncia estas palavras: «E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse» (João 17:5). O discípulo que Jesus amava ensina-nos que aquêlê que êle chama «o Verbo» «estava no princípio com Deus» (João 1:2); e o profeta Miqueas, predizendo o nascimento do Messias em Belém, proclama-O: «Aquêlê cuja origem remonta aos tempos antigos, aos dias da eternidade» (Miqueas 5:1).

Uma outra prova do dogma da divindade de Jesus Cristo, é o facto de Êle aceitar adoração. Segundo a Escritura, só Deus deve ser adorado. Desde as alturas inflamadas do Sinai, Deus declarou: «Não terás outros deuses diante de mim» (Exodo 20:3). E Jesus repetira: «Adorarás o Senhor, teu Deus, e a Êle só servirás» (Mat. 4:10). Se — em virtude dêstes factos — é demonstrável que Jesus aceitava a adoração dos seus discípulos, é necessário admitir de duas coisas uma: ou que Êle é Deus, ou que foi um impostor, um ídolo, e portanto, que os seus adoradores são idólatras.

Passemos agora às prerogativas reclamadas por Jesus. São numerosas e devem ser estudadas com proveito. Mencionêmo-las tão sòmente.

1.º *Jesus arroga-se todo o poder* — Na sua mensagem de despedida, Jesus diz aos Seus discípulos: «É-me dado todo o poder no Céu e na terra» (Mat. 28:18).

2.º *Jesus afirma-se sem pecado* — Aos Judeus que, no seu ódio sanguinário procuravam matá-lo, Jesus apresenta esta pergunta: «Quem de entre vós me convence de pecado?» (João 8:46).

3.º *Jesus declara possuir vida em si mesmo* — Diante do túmulo de Lázaro, Jesus faz esta declaração: «Eu sou a ressurreição e a vida» (João 11:25). Por esta afirmação, declara possuir a vida em si mesmo.

Que bênção, que consolação possuir um Salvador divino: «A divindade de Jesus Cristo é para o crente o penhor de uma vida eterna» (Desire of Ages, p. 530). Se não tivéssemos senão um Salvador humano, os nossos sepúlcros jámais se abririam; repousaríamos eternamente no pó. Mas com um Salvador todo poderoso, temos a certeza não sòmente que Êle é capaz de nos fazer sair do túmulo, mas também que êle o fará e que nos comunicará uma vida que poderá medir-se com a de Deus.

É bastante difícil conceber como uma pessoa conhecendo a Bíblia e pretendendo crer nela possa negar a divindade de Jesus. Não sòmente a Escritura nos ensina que Jesus estava com Deus «desde os dias da eterni-

dade», que é o Unigénito de Deus e que foi divinamente concebido; mas também nos afirma que Êle é Deus. Predizendo o Seu nascimento, o profeta Isaías escreve: «Uma virgem conceberá e dará à luz um filho e será o seu nome Emmanuel», nome que o comentário inspirado traduz «Deus conosco» (Isa. 7:14; Mat. 1:23). O mesmo profeta acrescenta: «Porque um menino nos nasceu; um filho se nos deu». «E o seu nome será Conselheiro, admirável, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz» (Isa. 9:5).

Esta mesma verdade bendita da divindade de Jesus Cristo é exposta em termos inequívocos nas obras do Espírito de profecia. Eis aqui alguns extractos respigados entre muitos outros.

«Êle veio a esta terra enegrecida pelo pecado para revelar a luz do amor de Deus, para ser Deus conosco. «Também d'Êle foi predito: «Chamar-se-á Emmanuel» (Desire of Ages, p. 19).

«Aos olhos do mundo, «não tinha nem beleza, nem esplendor para atrair os nossos olhares; e contudo, êle era o Deus incarnado, a luz dos céus e da terra» (Idem, p. 23).

«Cada milagre efectuado por Jesus Cristo «era um sinal da Sua divindade» (Idem, p. 406).

«A sua palavra, prova constante da sua divindade, tinha um poder convincente que penetrava os corações» (Idem p. 198).

«A Sua morte foi um testemunho rendido à Sua divindade e à glória do Pai» (Idem, p. 751).

«Mostrando-lhes que lia nos seus corações, Jesus dava aos rabinos uma prova da Sua divindade» (Idem, p. 456).

«A divindade de Jesus Cristo é para o crente o penhor de uma vida eterna» (Idem, p. 530).

Antes de terminar êste estudo, lancemos um golpe de vista sòbre os testemunhos rendidos à influência pessoal de Jesus. Ninguém pode estudar calmamente a vida do Salvador sem ficar convencido que Êle não era homem vulgar.

*«Vede êste homem sem amigos, sem situação, não é mais que um humilde carpinteiro, um sofredor paciente e silencioso. Nascido pobre, deitado numa mangedoura, morre sob a infâmia, e lançam-no num sepulcro estranho. Não exerce nenhuma autoridade, não comanda nenhum exército, não ganha nenhuma batalha, não toma de assalto nenhuma fortaleza, e não leva nenhuma vitória militar. Não ocupa nenhum lugar no governo, não propõe nenhuma reforma social; não procura nenhum aplauso, não recebe*

nenhum subsídio, não escreve nenhum livro, não pronuncia nenhum discurso político ou literário, não é laureado de nada, e morre na flôr da idade, crucificado entre dois criminosos. E contudo, há porventura hoje no mundo um nome mais conhecido que o seu? Há algum homem mais respeitado, pelos personagens mais distintos e pelas colectividades mais respeitáveis? Nações poderosas, se bem que lentas em seguir os seus preceitos, disputam a honra de levar o seu nome. A história do mundo civilizado gira em volta da sua pessoa, e todos os negócios comerciais levam uma data calculada sobre o seu nascimento» (Israel's Messiah, por H. L. Hastings, p. 81).

Em Santa Helena, Napoleão fez um dia, diante de um dos seus generais, as seguintes reflexões:

.....  
«Alexandre, César, Carlos Magno e eu fundámos impérios, mas sobre que bases fizemos nós repousar as criações do nosso gé-

nio? Sobre a força. Jesus Cristo fundou um Império sobre o amor, e neste mesmo instante, milhões de homens estariam prontos a morrer por ele. Eu morro antes do tempo, e o meu cadáver também vai ser lançado à terra para tornar-se pasto dos vermes. Eis o destino do grande Napoleão. Que abismo entre a minha miséria profunda, e o reino eterno do Cristo, prègado, incensado, amado, adorado, vivendo em todo o universo!» (Points for Preachers and Teachers, p. 42).

Do que precede, deve ser evidente para todos que esta doutrina — que é a pedra angular da religião Cristã — é fundada sobre a Bíblia e sobre o Espírito de profecia.

Irmãos e Irmãs, louvemos e bendigamos a Deus por termos um Salvador divino, «cuja divindade é o penhor e a garantia da nossa vida eterna». Porisso que Ele vive, também nós viveremos.

**A. V. Olson**

vice-Presidente da Conferência  
Geral dos Adventistas

irmãos e irmãs que encontro o que me falta. Há um outro aspecto da questão: Não devemos sómente receber, mas também dar. Tudo o que Deus nos concede, cria para nós uma responsabilidade. Jesus dizia que Deus lhe tinha concedido ter vida em si mesmo, e Ele convidava todos os homens a aproximar-se d'Ele, para beberem desta fonte. Da mesma maneira Deus pede que comuniquemos aos outros o depósito que nos foi confiado.

Enfim, a terceira coisa a fazer para fortificar a fé, é exercê-la. O que quer que façamos, enquanto estivermos neste mundo, será rodeado de tentações. Se Deus o julgasse necessário poderia subtrair-nos à tentação, mas isso não está no plano de Deus. O apóstolo João diz que nós estamos no mundo. Ele diz também que o mundo está mergulhado no mal, mas acrescenta que o mal não nos toca. É preciso pois não temer as intempéries. Uma planta normal suporta o vento, a chuva, e a maior parte das condições atmosféricas que se apresentam. Não esqueçamos que, na medida do possível, devemos crear-nos uma atmosfera favorável ao desenvolvimento da fé, e aqui, quero mencionar como uma condição essencial, a sinceridade.

Nada é mais mortal para a fé do que a mentira. Por consequência, a primeira coisa a fazer para fortificar a fé é destruir tudo o que é falso e estabelecer-nos na verdade.

## Como fortificar a fé?

(Conclusão da página 2)

homens de Deus do passado, vereis que Deus desenvolveu a sua fé colocando-os na necessidade de exercê-la (exemplo de Abraão). Foi por sacrifícios e provações que Abraão se elevou dum cume a outro. Da planície, os cimos parecem-nos inacessíveis; se porém os outros os têm atingido, nós mesmos os atingiremos, mas não sem sério esforço.

Devemos aproveitar tôdas as ocasiões que nos são oferecidas para fortificar a nossa fé. Se recusamos o esforço ou o sofrimento, privamo-nos duma bênção e por consequência não podemos obter um desenvolvimento normal. Ao sair do Egipto, Deus provou o povo de Israel colocando-o em face do Mar Vermelho, enquanto tinha caminhos mais normais e mais fáceis. Deu-lhe ocasião de exercitar a sua fé. O acto de fé é tão necessário como a alimentação e a respiração.

Certas pessoas dizem: Não tenho fé. A fé é sobretudo uma questão de vontade. É uma verdade que foi reconhecida por Jesus quando diz: «Credes em Deus, credes também em mim» (João 14:1). A fé é acessível a todos e eis porque Jesus nos dá uma ordem absoluta. A incredulidade não é sómente uma desobediência, é um acto da vontade humana que se dirige contra Deus. Terminando, queria dar-vos uma outra passagem que confirma este pensamento:

Em seguida há o trabalho, a actividade espiritual. Se estudardes a vida dos grandes

# Creemos na segunda vinda de Cristo que é a grande esperança da Igreja

*Manual da Igreja, pág. 185.*

Quando Jesus estava só, Pedro, João, Tiago e André chegaram junto d'Ele no Monte das Oliveiras onde Ele se sentou. Preguntaram-Lhe :

«Diz-nos quando acontecerão estas coisas ? Que sinal haverá da Tua vinda e do fim do mundo?» (Mateus 24).

Jesus não respondeu aos Seus discípulos separando a destruição de Jerusalém do grande dia da Sua vinda. Misturou a descrição dos dois acontecimentos. Se tivesse aberto os olhos aos Seus discípulos para que pudessem ver os acontecimentos futuros tais como Ele os via, êles não seriam capazes de suportar o panorama. Foi um acto de misericórdia misturar a descrição das duas grandes crises e deixar aos discípulos a destruição das mesmas. Quando se refere à destruição de Jerusalém, as Suas palavras proféticas vão mais além daquêle acontecimento, até à conflagração final naquele dia em que o Senhor se levantará do seu trono para punir o mundo da sua iniquidade.

Voltando-se para os Seus discípulos Jesus disse: «Acautelai-vos que ninguém vos engane. Porque muitos virão em Meu nome dizendo Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos».

As palavras de Cristo cumpriram-se. Entre a Sua morte e o cerco de Jerusalém apareceram muitos falsos Messias. Mas êstes avisos foram dados também para os que vivem neste século. As mesmas decepções

«Crede no Senhor vosso Deus e estareis seguros» (II Cron. 20:20).

Se temos naturezas diferentes, podemos tornar-nos semelhantes e irmãos quanto a fé. Se esta fé já nasceu em nós, podemos trabalhar para aumentá-la, e o voto do meu coração é que estas linhas possam contribuir para fortificar a fé de cada um.

**Alfred Vaucher**

Professor de teologia no seminário Adventista da França

praticadas antes da destruição de Jerusalém, têm sido praticadas através de tôdas as idades e sê-lo ão novamente.

\* \* \*

«E ouvireis de guerras e rumores de guerras; olhai não vos assusteis; porque tôdas estas coisas devem acontecer mas não é logo o fim.»

Antes da destruição de Jerusalém os homens lutaram pela supremacia, imperadores foram assassinados. Os que estavam mais chegados ao trono eram aniquilados. Houve guerras e rumores de guerra. Cristo disse: «Estas coisas devem acontecer mas o fim (do povo Judeu como nação) ainda não é logo. Porque nação se levantará contra nação e reino contra reino e haverá fomes e pestes e terremotos em vários lugares. Tôdas estas coisas serão o princípio das dores. Cristo queria dizer: Quando os rabis virem êstes sinais declararão que êles são o juízo de Deus sôbre as nações por terem escravizado o Seu povo escolhido. Declararão que êstes sinais devem ser tomados como anunciando o advento de Messias. Não vos enganeis; são o comêço dos Seus juízos. O povo tem olhado para êle. Não se arrependeram nem se converteram para que Eu os curasse. Os sinais que êle considera como indícios do seu libertamento do captivo são sinais da sua destruição».

\* \* \*

«Então vos entregarão para serdes afligidos e matar-vos-ão; e sereis aborrecidos de tôda a gente por causa do Meu nome. Muitos se escandalizarão e se trairão uns aos outros e uns aos outros se aborrecerão.»

Tudo isto os cristãos sofreram. Pais e mães traiçooaram os seus próprios filhos. Os filhos traiçooaram os seus pais. Os amigos entregavam os seus amigos ao Sinédrio. Os perseguidores demonstraram quais os seus planos matando Estêvão, Tiago e outros cristãos.

Cristo deu aos Seus discípulos um sinal

da ruína que cairia sôbre Jerusalém e disse-lhes como poderiam escapar :

«Quando virdes Jerusalém rodeada de exércitos sabei que a sua desolação está perto. Então os que estiverem na Judeia fujam para os montes; e aquêles que nela estiverem fujam; os que estiverem no campo não entrem na cidade. Porque serão dias de vingança para que se cumpram tôdas as coisas que estão escritas.»

Êstes avisos foram dados para se cumprirem quarenta anos depois na ocasião da destruição de Jerusalém. Os cristãos obedeceram ao aviso e nenhum dêles pereceu na destruição da cidade.

«Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno nem em dia de sábado» disse Cristo.

Aquêles que fez o sábado não o aboliu, pregando-o na cruz. O sábado não foi anulado nem abolido pela Sua morte. Quarenta anos depois da Sua crucifixação ainda havia de ser considerado sagrado. Durante quarenta anos os discípulos deveriam orar para que a Sua fuga não acontecesse em dia de sábado.

\* \* \*

Da destruição de Jerusalém, Cristo passa rapidamente para o maior acontecimento, o último elo na cadeia da história dêste mundo — a vinda do Filho de Deus em majestade e glória. Entre êstes dois acontecimentos ficaram abertos à vista de Cristo longos séculos de obscuridade, séculos para a Sua Igreja marcados a sangue, lágrimas e agonia. Sôbre estas cenas não poderiam olhar os Seus discípulos e Jesus fez uma leve alusão a tudo isso: «Haverá grande tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo até êste tempo e nunca mais haverá. E se aqueles dias não fôsem abreviados nenhuma carne se salvaria; mas por amor dos escolhidos êsses dias serão abreviados». Durante mais de mil anos perseguições tais como nunca o mundo virá cairam sôbre os discípulos de Cristo. Milhões e milhões dos Seus seguidores foram mortos. Se Deus não tivesse interferido para preservar o Seu povo tudo teria perecido «Mas por amor dos escolhidos, disse Jesus, aquêles dias foram abreviados.»

A seguir e em linguagem bem clara, Jesus fala da Sua segunda vinda e dá os avisos dos perigos que precederão o Seu advento: «Se alguém vos disser eis que o Cristo está aqui ou ali, não acrediteis. Porque se levantarão falsos Cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e maravilhas que se possível fôra enganarão os próprios escolhidos»... Este sinal é dado

como sinal do segundo advento. Mesmo agora, falsos cristos e falsos profetas mostram sinais e maravilhas para enganar os próprios escolhidos.. «Eis que Êle está nos aposentos secretos!» é a afirmação comum do Espiritismo. Mas que disse Jesus: «Não acrediteis. Porque como o relâmpago sai do oriente e vai até ao ocidente assim será a vinda do Filho do homem».

\* \* \*

O Salvador dá o sinal da Sua vinda e mais do que isso fixa o tempo em que aparecerão os primeiros sinais: «Logo após à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá e a lua não dará a sua luz e as estrelas cairão do céu e os poderes do céu serão abalados. Então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu...»

Ao findar a grande perseguição papal, Cristo declarou que o sol se obscureceria e que a lua não daria a sua luz. Depois que as estrelas caíam do céu. E acrescenta: «Aprendeis pois a parábola da figueira. Quando os seus ramos se tornam tenros e rebentam as folhas sabeis que o verão está próximo. De igual modo quando virdes estas coisas sabeis que Êle está próximo mesmo às portas».

Cristo deu os sinais da Sua vinda. Declarou que nós podemos saber quando Êle está perto, mesmo às portas. Êle diz daqueles que virem estes sinais: «Esta geração não passará sem que todas estas coisas aconteçam». Os sinais apareceram. Temos pois uma certeza que a vinda do Senhor está próxima. «Os céus e a terra hão de passar mas as Minhas palavras não passarão» disse Jesus.

Mas do dia e da hora da Sua vinda Cristo nada revelou. Afirmou claramente aos Seus discípulos que não podia fazer-lhes conhecer o dia e a hora da Sua segunda vinda. Se tivesse tomado a liberdade de ho comunicar para que necessitaria de os exortar a manter uma atitude de constante expectativa? Há pessoas que afirmam conhecer a própria hora da vinda de Jesus. São muito minuciosos em fazer mapas sôbre o futuro. Mas o Senhor avisou-os do terreno que êles pisariam. O tempo exato da segunda vinda de Cristo é um mistério de Deus

\* \* \*

Na profecia da destruição de Jerusalém, Cristo disse «porque a iniquidade abundará o amor de muitos esfriará. Mas aquêles que perseverar até ao fim êsse será salvo. E êste evangelho do reino será pregado em testemunho a tôdas as gentes e então virá o fim». Esta profecia novamente se cumprirá. A

# Uma interpretação do capítulo 13 do Apocalipse

Parece que, através dos tempos, tem sido grande a procura feita sobre este poder misterioso que se encontra no Apocalipse de S. João, cap. 13, versículos 1 a 10 e 17 a 18. Este texto tem sido aplicado a variados poderes religiosos, políticos e político-religiosos. Deve-se esta diversidade de aplicações ao simples facto de se atender a certos caracteres com absoluto desprezo por outros também indicados. A boa e correcta interpretação deve estar numa harmoniosa adaptação de todos os dados proféticos. Logo que um dado profético, por mais simples que seja, não encontre aplicação bem adequada no indivíduo ou poder que nos pareça responder à profecia, deve este ser logo arredado.

Aqui apresento certos dados que se me afiguram dar alguma luz sobre a interpretação apropriada e que são o resumo do livro de U. Smith «Thoughts on Revelation».

## 1.º Que é o Apocalipse e que assuntos contém êle ?

A interpretação de qualquer texto apocalíptico depende da justa resposta a esta pergunta.

É o Apocalipse um livro religioso ou político? É um livro destinado a um país determinado ou a uma agremiação internacional, quanto ao espaço, e eterna quanto ao tempo?

a) No cap. 1, verso 1, está definido: O Apocalipse é uma revelação de Deus, dada

superabundância da iniquidade daqueles dias encontrará contrapartida nesta geração. Da mesma forma a prgação do Evangelho. Antes da queda de Jerusalém, inspirado pelo Espírito Santo, Paulo, declarava que o Evangelho fôra prgado «a tôda a criatura debaixo do céu». Assim será, antes da vinda de Jesus, prgado o Evangelho a tôda a nação, povo, tribo e lingua.

Tudo no mundo está em agitação. Os sinais dos tempos são ominosos. Acontecimentos consecutivos lançam as suas sombras para diante. O Espírito de Deus está-se retirando da terra e as calamidades caem sobre a terra e sobre o mar. Há tempestades, terremotos, incêndios, inundações e as-

por intermédio de Jesus, ao apóstolo S. João, sobre acontecimentos que, no acto da revelação ainda estavam no futuro e «brevemente deviam acontecer». No vers. 3 lemos: «porque o tempo está próximo».

Qualquer interpretação que queira atribuir os quadros proféticos do Apocalipse para povos, indivíduos ou situações anteriores a Cristo, será descabida. Qualquer interpretação meramente política é de igual forma descabida, porque Deus, Cristo e os poderes sobrenaturais revelam aos crentes nêles, de forma especial, as questões de Fé, a marcha do Povo de Deus na terra, o estabelecimento do Seu Reino.

b) No capítulo 1 verifica-se que o livro é destinado ou dedicado «às sete igrejas da Ásia» cujos nomes lá estão indicados (verso 11).

E aqui duas interpretações podem existir entre as quais precisamos de escolher para compreensão de todos os quadros que seguem:

1.º O Apocalipse foi escrito às «sete Igrejas» indicadas e a mais nenhuma outra e nesse caso teremos de dar ao Apocalipse uma interpretação adequada, limitada quanto ao tempo e ao espaço.

2.º Ou as sete Igrejas da Ásia são símbolos de sete períodos distintos na Igreja Cristã, a partir da Igreja Apostólica até à Igreja que precede a vinda de Jesus, e nesse caso o Apocalipse tem a discrição simbólica da história da Igreja até ao fim dos tempos.

sassinatos de tôda a espécie. Quem pode ler o futuro? Onde está a segurança? Não há segurança em coisa nenhuma de humano ou terreno. Rapidamente se enfileiram os homens sob a bandeira que escolheram. Sem descanso aguardam e observam os movimentos dos seus chefes. Também existem os que esperam, observam e trabalham para a vinda do Senhor. Outra classe enfileira sob a direcção do primeiro grande apóstata. Poucos acreditam de alma e coração que nós temos um inferno a evitar e um céu a ganhar».

(Ext. do «Desejado dos Séculos» cap. 69)

**E. White**

Profetiza no Movimento Adventista

Não poderemos adoptar a primeira interpretação pelos factos seguintes :

a) Porque Jesus aparece a passear entre os «sete castiçais», símbolo das sete igrejas (versos 12, 13 e 20) e não poderíamos compreender porque é que Jesus que prometeu estar com tãda a Sua Igreja até ao fim do mundo estivesse agora passeando só entre sete igrejas definidas.

b) Porque Jesus tinha na sua mão direita os ministros das sete igrejas, consoante lêmos nos versos 16 e 20, e não perceberemos porque não teria também os ministros das outras igrejas algumas delas (tais como Jerusalém, Mileto, Filipo, Corintio) mais importantes do que as citadas no texto.

c) Porque os textos apocalípticos, os diversos quadros levam sempre à Vinda Gloriosa de Cristo e tal vinda, Jesus bem no sabia, não se poderia dar na vida das igrejas mencionadas, algumas das quais se encontravam em cidades totalmente desaparecidas hoje.

Logo impõe-se a conclusão que todo o Apocalipse se aplica ao tempo que decorre entre a época em que S. João recebeu estas visões até ao dia em que se estabeleça o Reino de Deus na Terra, até à Vinda Gloriosa de Jesus, consoante está descrita nos últimos capítulos do mesmo livro. O assunto do livro do Apocalipse é a vida dessas Igrejas e as circunstâncias exteriores a ela em que se realiza o seu trabalho de evangelização e preparação.

## 2.º De que maneira estão dispostas as matérias dêste livro ?

Poderia parecer, à primeira vista, que elas se dispõem de maneira continua. O Apocalipse seria a descrição pormenorizada e continua dos acontecimentos mais notáveis da vida da Igreja e do meio até ao Fim do Mundo. Mas a verdade é que o texto não se proporciona a tal interpretação porque várias vezes aparece o mesmo acontecimento no meio dos seus capítulos. Entre outros acontecimentos dêste género, temos a Vinda Gloriosa de Jesus :

Cap. 3:20 ; cap. 7:9 17 ; cap. 11:18 ; cap. 14:14-20 ; cap. 19:7 ; cap. 21, etc..

Em vez de considerarmos, portanto a matéria do Apocalipse como uma descrição continua e ininterrupta dos acontecimentos, é mais plausível tomar êstes textos indicativos do mesmo acontecimento e considerá-la dividida em quadros especiais. Importante é verificar qual o acontecimento que serve de início ao quadro para depois acompanharmos cronologicamente o desenrolar da acção.

## 3.º Quadro dos Poderes perseguidores da Igreja

No capítulo 11:15 terminou o quadro que precede êste das Feras. Inicia-se no cap. 12 verso 1 o quadro dos poderes ferozes o qual se desenrola até ao cap. 14 verso 14, a «ceifa» e a «vindima» símbolos dados (pelo menos o primeiro) por Jesus para o fim do mundo.

Pois bem, parece-nos que o primeiro acontecimento do cap. 12 é bastante claro. Assistimos ao nascimento de Jesus ; desenrolam-se perante nós as lutas para o aniquilamento de Jesus logo no seu nascimento. O poder apresentado no verso 5, maneja um determinado poder político que procura aniquilar Jesus. Êste poder político é o império romano, melhor dizendo, a religião pagã, na pessoa de Heródes. O império romano nessa época estava intacto e tinha na profecia «os sete diademas sôbre as suas cabeças» verso 3. Segue-se depois a narração das perseguições contra a Igreja Apostólica, pois são perseguições que se dão logo após a ascensão de Jesus apresentada no verso 5 «foi arrebatado para Deus e para o seu trono» «e quando o dragão viu que fôra lançado por terra perseguiu a mulher que dera à luz o varão» verso 13.

Um exame da história universal ou da história do cristianismo indica-nos logo que as perseguições pagãs contra a Igreja cessaram totalmente a partir do 4.º século da nossa era.

Logo o poder que se levanta no capítulo 13 tem de ser procurado na história a partir da época em que findaram as perseguições do Paganismo contra o Cristianismo.

Vejamos agora as características dêste poder :

1.ª Época — como dissemos tem de ser a partir do século IV.

2.ª Dado político — qualquer modificação se deveria ter operado no império romano porque as coroas estão sôbre os dez chifres (13:1).

3.ª Poder religioso — porque emprega «blasfêneas contra o Seu nome, etc.» vers. 6.

4.ª Poder perseguidor — porque fez guerra contra os santos do Altíssimo verso 7.

5.ª Acção perseguidora durante certo tempo — As suas perseguições teriam a duração de 42 meses (Verso 5).

6.ª Ser obedecido e até adorado — Verso 8 e Verso 2 pelos habitantes de tãda a Terra, pela grande maioria dos habitantes de tãda a Terra porque haveria uma porção que não lhe obedeceria verso 8.

Os 42 meses precisam de ser explicados, pois consoante sejam interpretados como li-

terais ou simbólicos assim teremos de procurar o poder respectivo. Serão literais, serão simbólicos?

Estes dados são repetição de outros escritos nas profecias do V. T. e que temos de interpretar simbolicamente, pois literalmente não dão nada. Assim no livro de Daniel temos o período profético de 2 300 dias «proféticos», interpretado no cap. 9 verso 24 e seguintes que é perfeitamente adaptável, nas suas linhas gerais, à história de Israel, quando interpretado simbolicamente. O mesmo podemos dizer de Daniel 7:25 se interpretarmos a palavra «tempo» por «ano profético»: teremos três anos e meio — 42 meses. Ainda este período aparece de outro modo no Apocalipse 11:3 «1.260 dias.»

De resto é anterior a Daniel este modo de interpretar os dados cronológicos proféticos. Por cada dia teremos de compreender um ano. Veja se Ezequiel 1:1-7: «um dia te dei por cada ano».

Sendo assim, os quarenta e dois meses equivalem a 1.260 anos ou «grosso modo» 13 séculos.

### Qual é esse poder ?

Procuremos na História Universal o poder que apresenta os caracteres atrás mencionados:

- 1.º Aparecer depois do IV século.
- 2.º Aparecer depois do desmembramento do Império Romano, quando as coroas, símbolos de realeza passarem da cabeça, para os chifres.
- 3.º Aparecer como poder religioso.
- 4.º Aparecer como poder perseguidor e que fez dobrar diante dêle a maioria dos povos «toda a tribo, língua e nação».
- 5.º Cujo período de perseguição tenha durado 13 séculos.
- 6.º Que tenha agido contra Deus, blasfemando do Seu nome, isto é, aplicando o nome de Deus naquilo que Lhe poderia ter sumamente desagradado por ser contrário à Sua expressa vontade.

Em qualquer manual de história aparece esse poder, no alvorecer da Idade Média, pouco a pouco foi criando corpo, prestígio, autoridade sobre os governos, domínio sobre a consciência individual e colectiva, perseguindo os que não quizessem aceitar os seus decretos, até que com o aparecimento da liberdade religiosa consignado pela primeira vez na Constituição Francesa em 1798 findaram as suas perseguições legais mas violentas.

Parece nos que a História Universal não aponta dois poderes facilmente confundíveis.

A Santa Inquisição não foi obra de Maomé. Os Turcos não tiveram influência destruidora na nossa Europa, «a cabeça do dragão do capítulo 12».

### O Número 666

Que se encontra no cap. 13:18 aparece como prova real da interpretação. Nunca se pode atribuir este número, destacado dos outros dados se não quizermos cair no engano.

Dou aqui a palavra ao comentador americano, U. Smith, autor do «Thoughts on the Revelation» que deveria ser lido com atenção por todos quantos desejem um resumo útil de uma boa interpretação:

«O número da Besta, diz a profecia «é o número de um homem»; e se deve ser derivado de um nome ou título a conclusão natural seria que deve ser o nome ou título de algum homem particular. A expressão mais plausível que temos visto sugerir contendo o número da Besta é o título que o Papa toma para si mesmo e permite que outros lhe apliquem. Aquêlê título é: «*Vicarius Filii Dei*, isto é, «Vigário de Filho de Deus». Op. cit. pág. 624.

Com efeito:

V.....	5
I .....	1
C.....	100
A.....	
R.....	
I .....	1
V.....	5
S.....	
F .....	
I .....	1
L.....	50
I .....	1
I .....	1
D.....	500
E .....	
I .....	1
Total .....	<u>666</u>

Longe de nós a idéia de confundir indivíduos com sistemas. Assim como a Igreja Cristã, seguindo a letra e o espírito do Evangelho, é um bom sistema que é quasi sempre mal representado pelos seus adeptos; assim também pode haver um mau sistema religioso que tenha nas suas fileiras, desde o mais humilde mandado ao mais ilustre chefe, muitos espíritos de eleitos, muitos nobres filhos de Deus e discípulos de Cristo. Sistemas não são indivíduos, nem indivíduos são sistemas.

# Made in England ou U. S. A.?

Não, a Bíblia não é um artigo importado à última da hora, como o cinema, a rádio ou as modas, da Inglaterra ou da América. Ela é conhecida, lida e amada em Portugal desde os alvares da nacionalidade, e tem as suas tradições suficientemente radicadas no povo português para que se possa considerar como de importação anglo-protestante.

Não sei onde é que Garrett foi colher a informação de que D. Afonso Henriques já era assíduo leitor, ou antes ouvinte, da Bíblia. Mas conheço aquela passagem da *Monarquia Lusitana* (Liv. X, cap. 2), em que Fr. António Brandão nos apresenta o fundador da nacionalidade, apreensivo, nas vésperas de grande batalha, ouvindo o bispo de Évora ler-lhe as páginas do Livro: «E assim para divertir de algum modo aquela moléstia (que lhe causavam as coisas que trazia entre mãos) lançou mão de uma Bíblia Sagrada...»

Muito antes de haver protestantes, e até antes de ser inventada a imprensa, já D. João I, segundo Fernão Lopes, «fez a grandes letrados tirar em linguagem aos Evangelhos, Actos dos Apóstolos e Epístolas de S. Paulo». (Prol. da 2.<sup>a</sup> parte da *Crónica de D. João I*)

Introduzida a invenção de Guttenberg entre nós, o primeiro livro impresso seria uma parte da Bíblia, o Pentateuco, publicado em hebraico, em Faro, no ano de 1487. E o primeiro livro em português seria a tradução da Vida de Cristo de Ludolfo Cartusiano, que encerrava completo o Evangelho segundo S. Mateus e parte dos outros, e que veio a lume em 1495, a expensas de D. Leonor, esposa de João II. Por mandado da mesma rainha, então viúva, seria impressa em 1505 uma tradução de parte do Novo Testamento, de que apenas existe um exemplar na Biobliteca de Évora, com o seguinte título: «Autos dos Apóstolos. A Epístola

Mas esta interpretação de Smith está tão bem deduzida que se nos afigura difícil rebatê-la.

Aqui ficam estas notas desprezenciosas para investigação, com os melhores votos, para quem nas ler, de proveitosa interpretação bíblica e, ao fim, a Vida Eterna.

A. Dias Gomes.

de S. Tiago Apostolo. As duas Epístolas de S. Pedro Apostolo. As três Epístolas de S. João Apostolo e Evangelista. A Epístola de S. Judas Apostolo».

O próprio Camões, ao narrar a viagem de Vasco da Gama à Índia, presta eloquente homenagem á Escritura Sagrada. Tendo o régulo de Moçambique pedido ao grande piloto português lhe apresentasse os livros da sua fé, êste que, diga-se a verdade, se esquecera de levar a Bíblia na viagem, nem por isso se desconcertou, respondendo-lhe sem hesitar:

«... Dêste Deus-Homem, alto e infinito  
Os livros que tu pedes, não trazia,  
Que bem posso recusar trazer escrito  
Em papel o que na alma andar devia».

Até á Reforma a Bíblia foi sempre tida em lugar de honra. Depois, desde o Concílio de Trento, em meados do sec. XVI, até meados do sec. XVIII, a sua leitura em vernáculo esteve, como é sabido, proibida em tôda a Igreja Romana.

No entanto, e apesar de entre os livros proibidos pelo S. Ofício se encontrar a Bíblia «em linguagem», nesta mesma época funcionou na Universidade de Coimbra a Cadeira de Sagrada Escritura, donde saíram alguns trabalhos do mais alto valor sobre a Bíblia, publicados em latim, não só em Portugal, mas ainda no estrangeiro. Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*, apresenta cêrca de 400 obras de autores portugueses desta época sobre a Bíblia. Este facto, por si só, dispensa quaisquer comentários.

Não queremos citar nomes, que dariam a estas linhas o cunho de erudição que não pretendem. Passando por alto a tradução do P. António Pereira de Figueiredo, realizada na segunda metade de setecentos, desejamos apenas apresentar alguns testemunhos de escritores do sec. XIX, nada suspeitos de protestantismo, e cujos nomes são conhecidos por todos.

Assim, Almeida Garrett, no seu interessante volume *Portugal na Balança da Europa*, depois de ter verberado a crescente apostasia da Igreja, lamenta: «Fez-se crime até da leitura dos Livros Santos, chamou-se sacrilégio o próprio estudo da lei de Deus! Ignorância crassa, estúpida, a maior inimiga do Cristianismo, incompatível com uma crença que eleva o espirito e exalta o cora-

ção : a ignorância foi feita virtude — virtude primeira e cardinal da religião do Redentor !»

Alexandre Herculano de tal maneira apreciava o valor educativo da Bíblia que, escrevendo sôbre a reforma do ensino religioso nas escolas, era de parecer que no «ensino geral, tanto elementar como superior, se não admita mais do que um bom catecismo e a Bíblia.» (*Opúsculos*, vol. VIII) Noutra altura, em *Composições Várias*, perguntava escandalizado: «Porque havemos de negar à Bíblia o crédito que não negamos a uma obscura e velha crónica? Rejeitá-la-emos porque nos fala das maravilhas de Deus?» A Bíblia, e em particular os Evangelhos, desejava êle que todos conhecessem: «Para o povo ser livre é necessário que seja religioso e honesto; não que seja crédulo. Para que seja religioso e honesto é necessário que conheça as doutrinas do Evangelho...» (*Opúsculos*, vol. I.

Não menos eloqüente é o testemunho do velho Castilho, em sua colectânea intitulada *Palestras Religiosas e Consoações*: «Cerraremos nesta hora todos os livros de profanidades, embora nobres, embora moralíssimos, e abriremos a Bíblia, — a Bíblia, o primeiro livro do mundo, assim na antiguidade dos tempos, como na alteza insondável das matérias; a Bíblia, não obra de um homem consumado, mas de muitos homens inspirados; ou antes: não obra de homens, senão escritura de Deus; história completa de todo o passado e de todo o futuro; arca de Fé que tem sobrenadado a todos os dilúvios de pseudo-filosofias; estandarte, a cuja sombra caminham os povos para a civilização, e ante o qual se não envergonham de curvar o joelho os maiores sábios.» (Vol. I, cap. 2).

E Camilo, êsse pobre Camilo que nunca soube encontrar um norte para a agulha magnética do seu espírito irrequieto, não quis deixar de prestar rendida homenagem ao Livro dos Livros. «Sabeis que livro é êste? A vós mesmos, cristãos que o sois pela vossa vida, o perguntamos — lestes o livro de Deus, onde cada linha parece escrita perante nós pela mão visível de um anjo, que o Senhor nos envia, num instante de incerteza? Sabeis que êsse monumento, com as suas bases no coração do homem, e o vértice no trono do Eterno, é ainda a voz do neto de Abraão que nos fala pela boca dos Seus discípulos». (*Horas de Paz*, cap. 46).

De João de Deus refere Trindade Coelho, no prefácio de *A Cartilha Maternal e a Crítica*, que sempre que o visitava o encontrava com o mesmo livro diante — a Bíblia. E

conversaudo a êsse respeito, afirmava o mimoso poeta, um dia, que a Bíblia «dizia tudo»; que os livros maus era melhor não os ler, e que dos bons, humanos, apenas tinha pachorra para ler algumas páginas.

Regista Raúl Brandão (*Memórias*, vol. I) que o melancólico bardo António Nobre, todo êle obceccionado pelo pensamento da morte, manifestara o desejo de levar no caixão a cabeça reclinada sôbre uma Bíblia.

Eça de Queirós, recordando com saudade o tempo em que passara por Coimbra, com Antero do Quental, descreve nos os seus quartos de estudantes, de franciscana pobreza e simplicidade, a mesa de pinho a um canto, e, sôbre ela — quem diria? — uma Bíblia. (*Notas Contemporâneas*).

Conta uma conhecida actriz, nas suas memórias, que um dia pedira a Guerra Junqueiro uma lista de livros que melhor a orientassem como escritora. O poeta apresentou-lhe uma breve lista, à frente da qual... os Evangelhos!

Estes, e tantos outros testemunhos que poderíamos lembrar, nos dizem eloqüentemente do alto aprêço em que os nossos melhores escritores tiveram a Bíblia.

Não, decididamente o aprêço da Bíblia não é um enxêrto anglo-protestante na multi-secular árvore portuguesa, mas encontra-se intimamente radicado na própria alma dos melhores representantes de Portugal de nossos avós.

\*

É-nos sumamente grato terminar estas linhas com as palavras de um sacerdote, que foi um dos espíritos mais cultos e uma das penas mais aparadas do Catolicismo em Portugal nos últimos tempos. Ao concluir o discurso proferido no Congresso Antoniano realizado em Lisboa em 1895, e publicado em opúsculo com o título de *A Sagrada Bíblia*, o Padre Sena Freitas fazia o seguinte apêlo: «Vou terminar, repetindo-vos mais uma vez: Tomai-me a Bíblia e lêde-a. Desprezá-la, esquecê-la, deixá-la dormir nas estantes das livrarias debaixo de um lençol de pó, é esquecer, é desprezar a base histórica de todo o dogma católico, é cerrar os ouvidos à voz dêsse verdadeiro fonógrafo divino, que nos tem conservado até hoje as vibrações do coração de Deus. Demos-lhe entrada franca em nossas casas, deitemo-la sôbre a mesa do nosso quarto de estudo, compulsemo-la amiúde e saboreemos essa iguaria tão variada quanto deliciosa, condimentada no Céu para pasto dos filhos da terra.»

Ernesto Ferreira

# O adventismo no Mundo

**A hora propícia do México** — O México, com os seus 20.000 000 de habitantes, atravessou cinco revoluções durante os últimos cinqüenta anos. Durante muito tempo a liberdade religiosa foi ignorada. As igrejas de tôdas as denominações, católicas ou protestantes, foram nacionalizadas, a prègação do Evangelho viu-se grandemente impedida, e as escolas de igreja não puderam funcionar. Mas agora, sob o novo govêrno chamado não há muito ao poder, o México faz uma nova experiência. Existe actualmente uma liberdade religiosa que se não havia conhecido há muito tempo. Podemos abrir as nossas escolas e preparar os nossos jovens para a obra de Deus no seu próprio país.

O México conta mais de 15.000 observadores do Sábado, cêrca de 6.000 dos quais baptizados. De tôdas as partes, as circunstâncias convidam-nos a entrar neste país há tanto tempo fechado; não é isto um desafio à Igreja?

**Uma carta recente do México** — «Não encontro palavras para descrever os pedidos de mais obreiros que se levantam por tôda a parte, a súplica instante de almas que aguardam o evangelista que tarda em chegar. Eis um homem, Juan Martinez, que pode ser uma demonstração viva dêste apêlo. Juan Martinez era um indivíduo perigoso, temido no distrito em que habitava. Tinha já morto sete homens. Mas entrou em contacto com as verdades da mensagem, e quando lhe foram explicadas êle compreendeu o amor de Cristo e transformou-se.

«Em breve se soube na região que Juan era um novo homem, e não perigoso como no passado; que era membro de uma ordem religiosa que dêle tinha feito um novo homem; que não bebia, não fumava e já não matava. Alguns dos seus inimigos fizeram então projectos de vingança, porque lhes tinha morto amigos e parentes. Juan soube isso, e raciocinou assim: De morrer não tenho medo; não o temia outrora e menos o temo hoje que sou cristão; mas quero ser baptizado antes que me matem.

«Escreveu à Missão, pedindo que lhe enviassem alguém para o baptizar. As semanas e os meses passaram-se. Não havia ninguém para enviar, e os inimigos de Juan andavam no seu encalce. Que fazer? **Morrer** sem ser baptizado é duro para um Índio. Que fêz êle?

Dirigiu-se à margem de um rio, que estava perto, elevou o seu coração a Cristo que conhece e compreende a alma índia, e em seguida mergulhou na corrente. Juan baptizou-se a si mesmo. Representais vós êsse índio, caminhando para a margem do rio, com um olhar estranho e medroso em seus olhos sombrios, a face voltada para o céu, procurando unicamente morrer para si mesmo a fim de que Cristo seja tudo nêle?»

Que quadro da sêde do evangelho neste vasto país! O México chama. Milhares de corações honestos lançam o grito de alarme.

**O que fêz um folheto** — Um irmão, que era fazendeiro, levava todos os dias ao mercado como o fazem os indígenas, no México, o produto da sua fazenda para o vender. Mas além disso, tinha sempre folhetos nos quais envolvia a venda e que estendia a seus clientes.

Um dia ofereceu um intitulado *O Milénio*. Deixai-me relatar-vos esta experiência tal como a ouvi recentemente.

«Um dia, Santiago Casares foi ao nosso vendedor, e quando o deixou, sua mão tocava numa destas sementes de papel. Chegando a casa, leu o folheto. Que estranha doutrina! Mil anos de desolação terrível deviam reinar sôbre a terra. Jesus Cristo, o Salvador dos homens, voltando aqui para buscar os que O esperam; sepulturas abrindo-se e os mortos em Cristo saindo delas para ir ao ençontro do Senhor nos ares. Tudo isso era tão novo, tão extraordinariamente fascinante! Santiago leu êsse jornal, e pouco tempo depois, êle e seis membros de sua família criam na próxima vinda do Senhor Jesus. Estudaram outros pontos da mensagem do terceiro anjo, e aceitaram-nos. Mas a influência dêste folhêto não ficou por aqui.

«Santiago deu o jornal ao seu irmão, que o leu também atentamente, e com os sete membros de sua família decidiu que era a verdade presente, e obedeceu à Palavra de Deus. O folheto prosseguiu a sua carreira, levando o sôpro da verdade divina; outros parentes e amigos foram convencidos do poder do Evangelho e entregaram-se a Deus de todo o seu coração. Como resultado dêste folheto sôbre o milénio, vinte e quatro pessoas aceitaram a verdade e estão prontas para o baptismo.

«A influência desta família estende-se mais longe ainda, porque alguns dos que aceitaram a verdade entraram na colportagem. Um jovem encontra-se na nossa escola, preparando-se para trabalhar na causa de Deus. Assim, êste único folheto multiplicar-se-á até ao infinito.»

*Glenn Calkins*

**O governo japonês e as novas igrejas —** Notícias chegadas do Extremo Oriente mostram que a política do governo japonês para com as novas igrejas da Missão nos territórios ocupados é, em suas grandes linhas, a mesma que a que prevalece no Japão. Todo o pessoal missionário ocidental é pôsto de lado e os fundos do estrangeiro são eliminados. Os missionários não são autorizados a entrar mais em contacto com os membros das comunidades indígenas. É provável que grande número dentre êles sejam repatriados. No que diz respeito às novas igrejas, o governo pede a sua unificação sob o controle do governo, como sucedeu no próprio Japão.

O correspondente do *Kölnische Zeitung* em Tóquio refere que o director da Sociedade Maometana do Grande Japão lhe confiou que o problema religioso era um elemento importante do programa dos japoneses nos seus países novamente conquistados e que a Liga religiosa para a Grande Ásia Oriental, sob controle japonês, tinha a intenção de unificar as igrejas das diversas denominações sob uma direcção japonesa. Segundo esta mesma fonte, parece que as autoridades japonesas não desejam ver espalhar-se o budismo, o maometanismo, nem o cristianismo, mas encaram a expansão do sintoísmo.

*(La Vie Protestante)*

**Nossa obra em Tanganica —** Numa carta datada de 29 do Outubro, o Ir. H. M. Sparrow, actualmente em Tanganica escreve o seguinte:

«Nossa obra estende-se nas ilhas do Lago Vitória. Acabamos de receber um apêlo de um grupo de insulares que observam o Sábado há mais de um ano, e de quem nada sabíamos. Dirigiram-nos uma mensagem para a Missão de Nutsu, pedindo que lhes enviemos um obreiro. Enviaram-nos igualmente os seus dízimos e as suas ofertas. O Senhor precede-nos e abre-nos o caminho. Estou certo de que nossa obra médica vai ser-nos de grande auxílio entre os indígenas desta região. Queremos fazer alguma coisa para lhes anunciar, a êles também, a verdade.»

**Na Croácia —** Apesar das condições de trabalho muito difíceis, a obra prossegue, incansavelmente, e com sucesso, na Croácia. Infelizmente temos apenas notícias muito incompletas; há porém motivos reais de alegria. É verdade que as igrejas continuam fechadas, mas as cerimónias baptismaes sucedem-se num ritmo desconhecido até hoje.

**Sudeste Europeu —** O relatório estatístico do primeiro semestre de 1942 revela o sucesso que coroou a obra de evangelização nas duas regiões do sudeste europeu. Com efeito, até 30 de Junho, 52 pessoas receberam o baptismo na Croácia, e 130 novos membros entraram nas igrejas da Sérvia.

*W. R. B.*

## SUMÁRIO:

<i>Que é isto? Que nova doutrina é esta?...</i>	1
<i>Como fortificar a fé? ... ..</i>	2
<i>Cremos em Deus ... ..</i>	3
<i>A Divindade de Jesus Cristo . . . . .</i>	5
<i>Cremos na segunda vinda de Cristo que é a grande esperança da Igreja.. . . .</i>	8
<i>Uma interpretação do artigo 13 do Apocalipse ... ..</i>	10
<i>Made in England ou U. S. A.? ... ..</i>	13
<i>O adventismo no Mundo.. . . .</i>	15

## REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia.

Publicação bi-mestral

Director : *A. Dias Gomes*

Redactor : *Ernesto Ferreira*

Administrador : *P. Brito Ribeiro*

Redacção e Administração,

Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa-Norte

Número avulso..... 1\$00

Assinatura anual ..... 5\$00

Comp. e imp. na Imprensa LUCAS & C.<sup>a</sup>  
Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA